

TRANSGRESSÃO NA CALADA DA NOITE

UM SABÁ DE FEITICEIRAS E DEMÔNIOS NO PIAUÍ COLONIAL

LUIZ MOTT

Professor Titular de Antropologia

Universidade Federal da Bahia

Uma das manifestações religiosas heterodoxas mais controvertidas do Velho Mundo, o *sabá* – reunião de bruxas e feiticeiros com o diabo¹ – segundo estudiosos da religiosidade popular brasileira, não teria migrado para a América Portuguesa, predominando aqui o pacto com o demônio, o calundu, as bolsas de mandinga e patuás.² A descoberta na Torre do Tombo de um noticioso manuscrito sobre um congresso de feiticeiras e demônios no sertão piauiense em 1758 abre novo capítulo nos estudos sobre a religiosidade popular no Brasil colonial, permitindo-nos melhor entender o sincretismo religioso luso-afro-brasileiro, aqui analisado como uma forma peculiar e radical de transgressão no interior da sociedade colonial.

Piauí, 1758

Descoberto em 1674, o Piauí é povoado tardiamente e de maneira diversa das demais Capitânicas do Brasil: seu território foi conquistado partindo-se do interior da Bahia, do Rio São Francisco em direção ao litoral. Foi no vale do rio

Canindé que Domingos Afonso Sertão, grande proprietário português residente em Salvador na Jequitáia, considerado o descobridor destes sertões, funda várias fazendas de gado, sendo a mais importante, a da Aldeia de Cabrobó, elevada à condição de vila em 1712, recebendo o nome de Mocha. Subordinada ao Bispado de Pernambuco e à Capitania do Maranhão, cujo governo envia em 1717 muitas famílias para a novel povoação, incluindo um magote de 300 degredados, com a finalidade de promover sua colonização e desenvolvimento.³

É capitania pobre, mas desempenhada. Pouco fértil, não tanto por influência da terra, que pela maior parte é arenosa e lajeada, quanto pela nímia preguiça de seus habitadores, que unicamente se aproveitam do que a simples natureza produz, sem mais benefícios ou cansaças deles. Há muitas paragens excelentes para a cultura, mas desprezadas, donde vem serem os frutos da terra, como são a mandioca, feijão, milho, arroz, açúcar, em comparação com as demais capitánias, totalmente caríssimos.⁴

58

Palavras de um aguto observador, que foi Ouvidor da capitania em 1772, um século após sua conquista.

Desde sua origem, e nas centúrias seguintes, a criação de gado foi a *raison d'être* da ocupação desses sertões, gado indispensável para o abastecimento e funcionamento da agro-industrial canavieira da Bahia e Pernambuco. Seus primeiros habitantes foram vaqueiros, notadamente homens livres procedentes da Bahia, que tendo perdido seus empregos devido à crise do açúcar provocada pela baixa dos preços em razão da entrada no mercado europeu do mesmo produto procedente das Antilhas, arriscaram a sorte, com um cabedal constituído de “um tourinho e três vacas”, e mais um ou dois escravos negros, adentrando-se por estas brenhas infestadas de gentio bravo. Eis como o vigário do Piauí, Padre Antônio Luiz Coutinho descreve esta região em 1757 – exatamente na época e no local onde ocorreu o único sabá – “congresso de diabos e feiticeiras” – que até o presente se tem conhecimento no Brasil colonial e tema principal deste ensaio:

Nas eiradas dos riachos assistem os paroquianos, criando gados vacuns e cavalares, distantes um dos outros de três a mais de dez léguas, por morarem junto dos poços d'água que ficam nos tais riachos no tempo do inverno. Acha-se situada a freguesia de Nossa Senhora da Vitória no centro do Sertão do Piauí: não tem outra

povoação, vila ou lugar, mais que a vila da Mocha, que consta de 60 moradores, pouco mais ou menos, e pouco ou nenhuns permanentes, por serem os mais deles solteiros, e se hoje se acham nela, amanhã fazem viagem, e o que avulta nela são os oficiais de Justiça... Como a maior parte dos fregueses são criadores de gado e não podem comodamente morar junto da vila, se acham dispersos por vários riachos, morando com suas famílias para com comodidade tratarem da criação de seus gados.⁵

Nos primeiros anos da conquista eram 30 as fazendas, 129 em 1697, subindo para 400 em 1730 e 536 criatórios em 1762.⁶

Os brancos sempre foram minoria no Piauí colonial: em 1697 representavam 35,3% da população, baixando para 16,7% em 1772.⁷ Diferentemente do que defenderam, sem base documental, os principais historiadores da economia colonial, de Roberto Simonsen a Celso Furtado, nossas pesquisas provam que predominaram sempre nesta região os negros e mestiços – de 51,3% a 77,4% da população, representando os índios tão somente de 13,5% a 5,9%, respectivamente, nas duas datas que nos tem servido de parâmetro. Em 1762, na freguesia da Mocha, os escravos representavam 55,1% da população, havendo tão somente 7,6% de “gentes de cor” livres.⁸ Raríssimas são as referências à etnia da população negra: há notícia de escravos “angola”, devendo predominar os crioulos vindos da Bahia e Maranhão. Entre estas, a mestiça forra Mestra Cecília Rodrigues, que introduziu as escravas mestiças Joana Pereira de Abreu e sua irmã, Josefa Linda, nos segredos cabalísticos e eróticos da profundidade dos infernos, protagonistas do sabá. 59

Certamente a Mocha sempre foi a menor e mais pobre “cidade” dentre as sedes das capitânicas da América Portuguesa: em 1761 o Piauí é desmembrado do Maranhão, passando oficialmente a chamar-se Capitania de São José do Piauí, em homenagem ao Rei D. José, ocasião em que também a Mocha teve seu nome mudado para Cidade de Oeiras, em lembrança ao local de nascimento do Marques de Pombal.⁹ Neste ano, na mesma quadra em que ocorriam as cerimônias diabólicas do sabá, de acordo com o “Acento das casas próprias e de aluguer que ocupam os moradores da Cidade de Oeiras”,¹⁰ a sede da capitania possuía 184 casas e um total de 601 moradores, sendo 310 homens e 291 mulheres.

Fica esta cidade no meio da capitania: é situada numa baixa com inclinação para o

poente e cercada de montes. Daquela parte a banha o Ribeiro da Mocha que deu o nome à povoação enquanto vila; dele se bebe porque em toda a sua circunferência não tem fonte alguma. As casas da cidade todas são térreas, até o próprio palácio do Governo.¹¹

A vida religiosa no Piauí colonial

Em 1758, ao percorrer os sertões do Maranhão e Piauí, o jesuíta Padre Manuel da Silva, “missionário pedâneo”,¹² autor do documento-confissão sobre o sabá, tema principal deste ensaio, assim diagnosticava a vida religiosa regional: “nos sertões do Piauí, onde nasce um, se batiza, casa, vive e morre, sem nunca ver com os olhos corporais um lugar sagrado, uma igreja ou templo de Deus...”

60 À época em que é revelada a existência do “congresso de diabos”, 1758, a vida religiosa da Mocha se concentrava em duas igrejas: a Matriz de Nossa Senhora da Vitória, “com duas capelas, dois altares além do altar mor, duas sacristias, cemitério no adro e escadas de pedra que descem para a Praça onde está assentado o Pelourinho” e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário “cuja obra ainda se continua”. Nestes templos funcionavam cinco associações religiosas para leigos: a Irmandade de Nossa Senhora da Vitória, Irmandade de Santana, Irmandade de São João Nepomuceno, Irmandade das Almas e Irmandade do Santíssimo Sacramento, todas proprietárias de uma ou mais casas alugadas na cidade, certamente patrimônio deixado em testamento por algum devoto falecido sem herdeiro local. Apesar do reduzido número de moradores “urbanos”, viviam na Mocha cinco padres seculares e quatro frades, sendo dois franciscanos, um carmelita e um mercedário, número bastante elevado de sacerdotes para uma freguesia que entre a sede e seu contorno abrigava por volta de 5700 almas. Ao menos para a capital da capitania não se podia reclamar de rarefação sacerdotal: 633 ovelhas para cada um dos pastores eclesiásticos.

Desde que o primeiro sacerdote visitou o Piauí, em 1697, o Padre Miguel de Carvalho, logo nos primórdios de sua colonização, aí missionando por quatro anos seguidos, há notícias dispersas de que também outros clérigos percorreram a mesma região, seja por iniciativa de suas Ordens religiosas, seja por missão episcopal. Consta que o maior taumaturgo do Brasil colonial, o jesuíta Gabriel Malagrida,

missionara pelo território do Piauí entre 1728-1735.¹³ Em 1741 é a vez do sexto bispo do Maranhão, D. Frei Manuel da Cruz, cisterciense, determinar a realização da primeira visita pastoral documentada à Freguesias do Piauí, nomeando como Visitador ao Padre José Aires, 40 anos, natural do Recife, diplomado em teologia por Coimbra. Nesse mesmo ano esteve em missão inquisitorial na Mocha, o Juiz Comissário Frei João da Purificação, do convento de Nossa Senhora do Carmo de São Luiz, redundando na prisão de um fazendeiro cristão novo. Duas décadas depois, em 1760, é a vez de D. Frei Antônio de São José, 8º Bispo do Maranhão a percorrer os sertões da Mocha, levantando os nomes e instaurando sumários contra diversos desviantes. Alguns anos antes há notícia que o missionário Frei Manuel da Penha percorrer a freguesia de Nossa Senhora da Vitória, assim como o Padre Luiz Teixeira Aguiar e o carmelitano Frei Manuel da Trindade Barreto, assistente próximo à Fazenda Lagoa das Pedras. Foi exatamente graças a estas esporádicas andanças catequéticas de sacerdotes por estas brenhas que chegaram até nosso conhecimento as confissões das escravas Joana Pereira de Abreu, de sua irmã Josefa Linda e da índia Custódia de Abreu a respeito do “congresso de diabos” da Mocha.

61

Apesar de ser reduzida a documentação disponível sobre a vida religiosa no Piauí colonial, localizamos nos arquivos inquisitoriais dados importantes que demonstram grande similaridade entre as credices heterodoxas praticadas nesse sertão comparativamente ao observado na Metrópole e nas demais capitânicas da América Portuguesa. Quer dizer: apesar da excepcionalidade do sabá piauiense, este convivia lado a lado com as mesmas feitiçarias e heterodoxias das regiões circunvizinhas, não as substituindo, nem se pospondo a elas.

Com base em nossas pesquisas nos manuscritos inquisitoriais, encontramos entre 1741-1782 o registro de um total 21 nomes de moradores do Piauí denunciados ao Tribunal de Lisboa, a saber: 13 por desvios relacionados à fé e 8 por crimes sexuais, entre estes sete sacerdotes. Em meu artigo “*A Inquisição no Piauí*” o leitor encontrará a descrição pormenorizada de todas estas ocorrências inquisitoriais.¹⁴

Na citadas Visitas Episcopais de 1741 e 1760, vários moradores são acusadas de praticar feitiçaria: em 1741 é denunciada a mestiça forra Bibiana, “feiticeira que

faz calundus para adivinhar, dando contas para trazerem no braço para não serem as pessoas ofendidas, dizendo que as ditas contas têm virtude para preservar de todo o mal". Na Visita de 1760, diversos fregueses acusam o preto João Tocó, escravo de Antônio Costa de ser "fino feiticeiro", cobrando 4\$000 pelos serviços prestados - o equivalente ao preço de um boi! Saiu também denunciada na mesma Visita a mameluca Maria da Conceição "que sabia muitas orações para atrair homens "como com efeito trouxe por muito tempo atraído a si um estrangeiro dos Países Baixos, Jacques Francisco do Prado, e outro homem, com quem anda amancebada até hoje". Outra feiticeira, Rosa Maria

mandava os negros fazerem a experiência ou adivinhação do quimbando, pondo uma tesoura com ponta para baixo sobre o quimbando, e à roda pôs os nomes das pessoas de quem se tinha alguma suspeita, e conforme o movimento que fazia o quimbando a respeito dos nomes que estavam na roda, se assenta que este ou aquele foi o de quem quer saber alguma coisa.

62

Nesta mesma ocasião o mestiço Félix, capitão do mato, é acusado de "trazer um patuá para aumentar-lhe as valentias", entregando o amuleto a Frei Manuel da Penha na missão que fez nesta vila. Também são citados: o preto Matias, sapateiro, "infamado de fazer curas de quebranto com palavras e com cortabaço e tabôa"; o preto forro Luiz da Silva, morador no Riacho da Mina, "infamado de ser feiticeiro"; o escravo Afonso, da Fazenda da Panela, propriedade dos Jesuítas, "curava bicheira com palavra"; o escravo, João, morador da Fazenda de Bonifácio Pereira tinha fama espalhada entre os negros de ser fino feiticeiro, tanto que a ele foi atribuída a morte da escrava Quitéria, sendo surpreendido nas matas do Parnaíba "cozendo a boca de um sapo". Ainda no rol dos denunciados por práticas supersticiosas proibidas, duas décadas depois desses episódios, em 1782, chega ao tribunal do Rossio o nome de Luiz Ribeiro, pardo, "das partes do Piauí", que trazia no pescoço "uma bolsa com migalhas que pareciam de hóstia, envolto tudo com várias orações, uma delas respectiva à hóstia consagrada".¹⁵

É, portanto neste contexto de multiformes credices populares onde se sincretizam tradições cabalísticas de inspiração medieval portuguesa com devoções religiosas inspiradas nas culturas ameríndias e africanas, que tem lugar o

“congresso de diabos”, cuja descrição fica daqui por diante sob responsabilidade da protagonista deste medonho e fantástico documento que tivemos a ventura de descobrir na Torre do Tombo, no *Caderno do Promotor n.121, Livro 313 da Inquisição de Lisboa*.¹⁶ Dada a riqueza de detalhes e explicações fornecidas pelo jesuíta Manuel da Silva, nos limitaremos em comentar, em notas de rodapé, as partes que julgamos merecer esclarecimento complementar.

Documento 1 – Apresentação de Joana Pereira de Abreu

Excelentísimos e Reverendíssimos Senhores (Inquisidores)

Eu, Joana Pereira de Abreu, mestiça, agora escrava do Capitão Mor José de Abreu Bacelar, e moradora nestas Cajazeiras, Fazenda do dito meu Senhor, Freguesia de Nossa Senhora do Livramento, (da Vila de Paranaguá), Bispado de São Luís do Maranhão, e de antes escrava do defunto Antônio da Silva dos Santos, por alcunha chamado o Pitomba, na vila da Mocha, Capitania do Piauí, e do mesmo bispado do Maranhão, solteira e da idade de dezenove anos com pouca diferença, por eu não saber ler, nem escrever, e também por não haver por estes sertões Comissário do Santo Ofício, sem outro mais efeito que o da verdade e de obedecer os Editais do Santo Tribunal¹⁷, pela interposta pessoa do Padre Missionário Manuel da Silva,¹⁸ religioso da Companhia de Jesus há anos em missões pedâneas por estes sertões e minas, denunciou e me vou a denunciar a Vossas Excelências Reverendíssimas que haverá oito anos¹⁹, com pouca diferença, vivendo eu na Mocha, donde nasci e fui criada na casa do dito primeiro meu senhor acima dito, já defunto, uma mestiça forra da mesma vila, chamada Cecília, não estou bem certa no sobrenome, mas cuido que Cecília Rodrigues, bem conhecida na vila por Cecília e tem uma filha chamada Mariana, se me fez Mestra ela e também uma minha irmã mestiça, chamada Josefa Linda, mais velha e que então vivia comigo na mesma casa e depois veio comprada para estas Cajazeiras dois anos antes de eu vir também comprada pelo dito agora meu Senhor Capitão Mor. Estas foram as duas Mestras que eu tive para tudo o que de mim e delas denunciarei abaixo, pedindo para mim ao Santo Tribunal compaixão, pois já o faço arrependida e com prometimento de não tornar a semelhantes erros como os que tem sido em mim.

Haverá sete para oito anos continuados, pelos erros que as duas minhas Mestras e o Demônio e a minha fragilidade me ensinaram, até ficar em uma profundíssima e inteira apostasia da nossa Santa Fé em todos estes anos.²⁰ A primeira que me começou a ensinar foi a supradita Cecília mestiça: esta, por espaço de um mês, que nesse ano foi próximo ao dia e véspera de São João, em que foi o primeiro dia que eu comeci o comércio com o Demônio. Um mês antes, me contou a dita Mãe Cecília, que o Demônio tinha torpezas com as mulheres. E que se eu queria falar e ter com ele, ela me ensinaria. Aceitei eu, como rapariga de nenhuns miolos e por outra parte de costumes de pouca ou nenhuma boa educação.²¹ Então me disse ela que eu havia de ir nua à porta da igreja da mesma vila da Mocha, em que vivíamos, e na qual igreja da vila se conserva sempre o Santíssimo Sacramento, que ali havia de bater com as partes prepósteras²² assim nua umas três vezes na porta

da Igreja indo sempre para trás, e havia no mesmo ponto de chamar por este nome e vocábulo: Tundá,²³ o qual vocábulo nem eu lhe sei bem decifrar a significação inteira e cabal, mas julgo ser nome do Demônio. E que dali havia de endireitar nua para umas covas de defuntos que estão a um lado da vila, a onde chamam o Enforcado, por se ali ter enforcado algumas vezes alguns delinquentes. E que ali me havia de aparecer um moleque²⁴ e que eu pondo-me na postura de quatro pés, ele me havia de conhecer pela prepóstera.

Esta cerimônia local da Igreja, com a qual se ajuntava a formalidade de infinitas blasfêmias heréticas²⁵, e uma deserção inteira de toda a fé, não como quer, mas com infinitas arrenegações das cousas da fé e adorações juntamente, ao qual ela, Cecília, chamava Homem e nunca Demônio, por respeito ao tal Homem e desprezo do verdadeiro Deus. Andou-me ensinando por esse mês uma comprida ladainha destas cousas, *scilicet* (isto é) que chegando à porta da Igreja, antes de dar com as partes prepósteras, como dito tem, havia de principiar: Eu sou uma mestiça de respeito, que de mim se pode fazer caso; visto saia de veludo, boa camisa e bom sapato.²⁶ Arrenego do batismo e do padre que me batizou, da madrinha e padrinho que me puseram a mão. Arrenego da confissão e dos padres que me confessam. Arrenego da comunhão que recebem os que comungam. Nem ali creio que esteja o Sujeito que dizem ser Deus. Nem eu conheço outro Deus mais que o Tundá. Ele (pelo Santíssimo) é pão e não é Cristo. Nem eu creio na Igreja e arrenego dela e de todos os que estão dentro dela. Arrenego do matrimônio e dos que o fizeram. Arrenego da Mãe de Mãe Maria e do seu Filho Manuel.²⁷ Ela está muito convicta que o pariu virgem, e ela é a maior puta que houve, cachorra, cheia de água.²⁸ E aqui eu arrenegava *per vocabulum* (pelo vocábulo) o mais *sporco* (espurco, sujo), *pudenda Beatissima Virginis* (as partes pudendas da Beatíssima Virgem).²⁹ Arrenego de toda a sua raça, isto é, parentela. Arrenego de todos os santos e de todas as santas, que todas foram putas. E aqui entravam *etiam pudenda per idem vocabulum supra dictum* (também as partes genitais pelo mesmo vocábulo supradito).

Punha todos os nomes, os mais horrendos, especialmente à Virgem Senhora, que faziam tremer. Arrenegava de Cristo e de quem o amassou e o gerou, que o não soube amassar.³⁰ Pegava eu logo a arrenegar de meu pai, de minha mãe e de toda a minha raça por individuais graus de parentesco, nomeando e arrenegando pelo tal *sporco* (sujo) vocábulo dito *pudenda virilia et feminea* (as partes genitais viris e femininas), de toda a minha raça.³¹ Ultimamente acabava eu em arrenegar da minha própria alma, do meu corpo *et per vocabulum etiam turpidissimum pudendorum meorum* (e por palavra também torpíssima minhas genitálias), gritava por Tundá e batia por desprezo com as partes prepósteras na porta da igreja três vezes. E sempre de cada vez com a ladainha infernal dita, ensino tudo da Mestra Cecília por um mês.

Fiz o dito em véspera de São João, à porta da Igreja, e dali assim nua, fui logo para o Enforcado. Tornei a fazer ali a mesma ladainha. Apareceu logo em forma de Moleque o nomeado Homem da Cecília minha Mestra. Adorei-o antes de me pôr de quatro, para ter torpíssimos e nefandos atos. Beijei-lhe os pés, *pudenda et partes prepósteras* (as genitais e partes traseiras), e ali me pus de quatro pés. Sentí logo na mesma postura que me serviam *turpissimi, non solum prepostere et in pudendis* (atos torpíssimos não só na traseira como na genitália), mas também em mais partes do corpo, mais esta primeira vez, e não em todas. Mas para o segundo dia, em todas as partes ainda as mais mínimas e em todas as juntas ao mesmo tempo, exercitando *turpia et turpes actus* (torpezas e atos torpes), de sorte que se pode dizer um universal³² e universal torpeza multiplicada *per omnes et etiam minimos articulos*

corporis et membrorum (por todas e também mínimas articulações do corpo e dos membros).

Não via mais que uma figura. E assim foi sempre por todos os anos ditos. Eu com os olhos não via mais que uma figura, *quid mecum misceretur nunc prepostere, nunc in ore, nunc in pudendis* (que a mim se juntava ora na traseira, ora na boca, ora na genitália). Mas os mais sentidos e membros de todo o meu corpo eram testemunhas desse maldito universal já dito. A vista descortinava só uma figura: esta umas vezes era homem, outras animal imundo, outras cachorro, outras bode, ou cabrito, outras cavalo³³, só estas e não mais. Principiava *turpia* (os atos torpes), *verbi gratia* (por exemplo), *per figuram humanam* (pela figura humana) e vinha-me à cabeça sugestão de outra figura³⁴, sem eu dizer palavra, já virava aquela figura que *habebam in corde* (tinha no coração), e logo o universal próprio de cada um. As ladainhas das blasfêmias iam sempre acompanhando a qualquer universal, não só antes de entrar aos atos torpes, mas sempre pelo decurso deles e nunca a língua ficava impedida, ainda que servida a boca como tenho dito. Chamava-o meu Senhor e o tinha por Deus e Senhor. Não mais cria que havia Deus, nem inferno, nem cousa alguma da fé. Entregava-lhe a alma e o corpo. Chamava-o meu Senhorzinho, minha vida, meu coração.³⁵ Cria e dizia-lhe que só ele me daria o céu. Que só ele me criou, me remiu, e que não outro criara o céu, nem a terra, nem a mim. Que Jesus Cristo era um corno, um filho da puta³⁶ e outros nomes e tremendas blasfêmias. Isto foi sempre pelos anos do meu infame comércio e ensinos de Mestra Cecília. Perguntou-me ela na primeira vez, que eu fui a fazer o cerimonial que tenho dito na véspera de São João, se tinha vindo o Homem. Neguei-lhe eu. E refinou ela o ensino dizendo: e, pois põe nos quatro cantos da casa quatro potes, um em cada canto, vazios. Pega por uma parte e vai correndo até o último, dizendo na boca de cada pote: Salve, salve, salve, chegando ao último diz: Salve Lúcifer. E logo de dentro há de sair um Homem. E lhe fiz assim, e assim foi: me pareceu que dentro do quarto pote, apenas proferi, saiu logo esse Homem.³⁷ E lhe fiz as adorações e respeitos costumados e o mais que ela me tinha ensinado.

Entre os primeiros dois dias, a saber, véspera de São João nesse ano, que não sei ao certo a era, pois nós mestiços escravos, pretos, etc, não tomamos conta das eras³⁸, entre esses dois dias, minha irmã Josefa Linda, tendo-me ensinado também as Ladainhas da Mestra Cecília, por uns dias antes, me mandou que fosse pelas mesmas doutrinas a uma parte junto da nossa casa, que ali me havia de aparecer aquele Homem que tinha assim e assim, etc, com as mulheres. Mostrava ela que não sabia de Cecília ou fazia que não sabia, sendo que eu julgo a sua Mestra foi a mesma Cecília. E tinha já esta discípula, Mestra. A minha dita irmã disse que eu me pusesse de joelhos quando ele aparecesse e batesse nos peitos: o que também tudo me tinha já ensinado a Mestra Cecília.³⁹

Depois que vim comprada da Mocha para esta fazenda das Cajazeiras, distante da vila da Mocha mais de sessenta ou setenta léguas, e para donde minha irmã Josefa Linda tinha vindo também comprada dois anos antes, a vim achar mais com duas discípulas, uma chamada Teresa mulata, também escrava do Capitão Mor dito meu Senhor, e esta tal Teresa, filha do Pai João e de sua mulher Leonor, todos escravos, e a outra segunda discípula, chamada Agostinha mulata, filha esta de Luiza, mulher solteira, escravas mãe e filha do mesmo Capitão Mor. Estas duas discípulas de minha irmã Josefa Linda já mestras pelo que parece do conteúdo, porque nós todas quatro, a saber, eu, Joana Pereira, minha irmã Josefa Linda, Teresa Mulata (e) Agostinha Mulata, nós todas quatro, a maior parte das noites,

vamos de companhia umas atrás das outras, cada uma com o seu em figura de Homem à Mocha destas Cajazeiras ao lugar da vila chamado o Enforcado, acima dito, andando e desandando a distância das léguas mencionadas. A mim parece-me ir de pé, mas eu sem dúvida sou levada não sei como⁴⁰, por que dentro de brevíssimo espaço, nos achamos todas quatro no Campo do Enforcado que está ao lado da vila da Mocha, partindo das Cajazeiras a horas de Ave Marias.⁴¹

Estamos dilatado espaço no tal lugar do Enforcado, donde está já como superiora de todo o Congresso a Mestra Cecília, sentada em um como banco ou tripeça. Chegamos e lhe vamos todas quatro tomar a bênção. O congresso é numeroso de mulheres trazidas como suponho, da mesma sorte, de várias partes de terras distantes, mas eu as não conheço, não lhe sei os nomes. No Congresso há mulheres de todas as cores e castas. Também aparecem homens: mas estes julgo, não serem homens, mas Demônios em figura humana. Fora de nós quatro, as mulheres que ali se ajuntam e eu conheço, são Mariana, filha da Mestra Cecilia, Aniquinha, mulher branca e solteira e que mostra ser de idade, uma mulata chamada Maria Josefa, que dizem na Mocha ser ela casada, mas não sei de donde ela tinha vindo para a Mocha. Estas as que ali conheço e moradoras na Mocha. Todo o mais Congresso de tantas mulheres não conheço, não sei o nome, nem donde vem ter a esse lugar do Enforcado. Não nos falamos mais que estas palavras que nos dizemos umas às outras: Camaradas, nós vimos aos nossos amores. Depois de assim juntas nesse Congresso e cada uma com o seu, se fazem como cerimoniais, as adorações e arrenegações, etc, depois de a Mestra Cecília dizer em voz alta para todo o Congresso estas palavras: Entremos na nossa Vida Nova. Feitos os cerimoniais, se fazem as torpezas cada um com o seu, e de todas as sortes universais: o que passa por mim, julgo passar pelas demais, ainda que nenhuma do Congresso m'ó tenha dito, exceto as minhas Mestras, pois me disseram aos tempos de ensino, que aquele Homem fazia de muitas sortes com as mulheres. Ali estamos nesses infernais exercícios dos Demônios até cantar o galo. A Mestra Cecília umas vezes parece ficar sentada no seu banco; outras, com o seu, que aparece por detrás dela sentado e virado costas para costas da Mestra Cecília; outras julgo fazer o que faziam todas as mais do Congresso cantando o galo. Ao despedir de tal lugar do Enforcado para nos irmos cada uma para sua estância donde tinha vindo, dizia Mestra Cecília estas palavras: Acabou-se a nossa Vida Nova, bem nos podemos ir embora. Logo desandava eu com as três ditas (companheiras) as sessenta ou setenta léguas e nos achávamos logo nas Cajazeiras tão distante da Mocha. E se nos abriam as portas, que estavam fechadas, não sei como. Nisso não senti cansaço posto que de pé, nem na volta nem na ida.

Dos Sacramentais, a saber, da água benta, me ensinaram a fugir. E eu dizia dela blasfêmias, que era uma água choca, sem virtude e água de todos os diabos, etc. A missa, quando alguma vez a fui ouvir (que foi rara), e quando muito para comungar ou para mostrar que cumpria com os sacramentos de uma vez ao ano, os quais sacramentos eu já não cria. Na igreja sempre o Demônio em figura humana se punha diante de mim, virado com o rosto para mim. E as adorações que havia de fazer a missa e a Deus sacramentado, o fazia para ele, blasfemando e orando em ódio contra todos e contra todas as cousas de Deus. No comungar, como não podia deixar de tomar o lavatório⁴², por me não pressentirem os circunstantes, o engolia para baixo, mas ao depois, cuspia por escárnio e desprezo do Santíssimo Sacramento, com quem não cria e dele arrenegava.

Depois de eu vir da Vila da Mocha para as Cajazeiras, com má intenção, e para

induzir, contei por via de conto, diante de três pessoas desta casa de meu senhor Capitão Mor, a saber, diante de duas escravas da casa, uma chamada Isabel Maria, outra Margarida Barbosa e outra moça branca da casa, e ainda parenta do dito Capitão Mor, filha de uma sua sobrinha Ana Maria, e de seu defunto marido José de Almeida, chamada Maria Leonor, que eu tinha ouvido, que lá na Mocha havia mulheres que tomavam Tundá com o Demônio. E que para o tomarem, haviam de ir bater com as partes prepósteras na porta da igreja. E que logo haviam de ir para as covas de algum defunto. E que ali vinha o Demônio em figura de bode *commisceri cum illis prepostere* (ajuntar com elas pela traseira). Mas não dizia mais, nem mais eu contava e o contava como de ouvida por me encobrir, mas a tenção e fim eram para ver se alguma inclinava para isso. Mas como não inclinavam, não prossegui eu a mais que estes contos por vezes, nem sei que tenha havido mais, nem sei mais que me lembre.

É até aqui a denúncia de mim mesma e de todas as mais que tenho dito. E eu tenho entrado no conhecimento das minhas cegueiras e tornado para a verdadeira fé de nossa Mãe a Santa Madre Igreja Católica. E tenho pena de ter caído em tão profundos abismos. E resoluto a antes morrer que tornar as ditas cegueiras. E peço ao Santo Tribunal se compadeça de mim, que por poucos miolos e verdes de rapariga e mal educada, vim a dar neste abismo.

E pedi ao Padre Missionário dito esta me escrevesse e fizesse em meu próprio nome, o qual depois de assim escrever, m'a leu muito devagar e encarregando-me em tudo verdade, singeleza e lisura, e acho estar na verdade, a qual subsigno com a minha cruz em meu nome por não saber ler nem escrever e eu o Padre Missionário da Companhia de Jesus do Estado do Maranhão que escrevi a rogo da denunciante e juntamente per si denunciada, conforme o que me pedia. E ela depois de eu lha ler, disse estava na verdade. Sítio das Cajazeiras, 27 de abril de 1758.

Joana + Pereira

O Padre Missionário Manuel da Silva, Religioso da Companhia de Jesus.

67

Documento 2 – Apresentação de Custódia de Abreu e Josefa Linda

Excelentíssimos e Reverendíssimos Senhores (Inquisidores)

Eu, Custódia de Abreu, de idade de 18 anos, com pouca diferença, vinda pequena idade do Gentio Gueguê⁴³, batizada ainda assim pequenota e escrava do Capitão Mor José de Abreu Bacelar, moradora nesta sua Fazenda e Sítio das Cajazeiras da Gurguéia, Freguesia de Nossa Senhora do Livramento, Bispado de São Luiz do Maranhão, por eu não saber ler, nem escrever, e também por não haver por estes sertões Comissário do Santo Offício a quem eu possa denunciar sem outro mais afeto que o da verdade e o de obedecer aos Editais do Santo Tribunal pela interposta pessoa do Padre Missionário Manuel da Silva, da Companhia de Jesus, há anos em missões pedâneas e vindo do Maranhão, denuncio a Vossas Excelências Reverendíssimas que haverá cinco para seis anos,⁴⁴ com pouca diferença que meu senhor trouxe comprada da Vila da Mocha desta Comarca do Piauí uma escrava mestiça, por nome Josefa Linda. Apenas esta chegou, que foi um dia ao por do sol, desde o ponto que chegou, se fez logo a dita Josefa Linda muito minha amiga e camarada, vendo-me índia e como de gênio mais singelo por índia vermelha.⁴⁵ Logo depois do primeiro recebimento, a primeira cousa que me pediu foi que eu

nunca havia de dizer nada a ninguém⁴⁶ e começou logo a dizer por modo de um conto ou história que ela na Mocha, em sua casa, vivia muito a sua vontade e que lá tinha um homem muito destro⁴⁷ e que não parecia com os mais homens, que este tinha e exercitava com as mulheres de muitas e várias sortes atos torpes e que sabia fazer cousas incríveis e que se eu ouvisse, havia de ficar com a boca aberta. Que ele podia andar com quem quer, sem outra gente o saber, ainda que estivesse a pé. E logo me foi convidando se eu queria também andar e viver com esse Homem. Respondi-lhe eu que sim, pois ela me dizia que sabia o modo com que eu podia andar com ele. E que (se) eu queria, me ensinasse (por logo sentir em mim desejo) e por me dizer que era um Homem que entrava a portas fechadas, entrar a donde quisesse e exercitar desonestidades quantas uma criatura quisesse, sem ninguém o poder ver, nem saber. Não se fez de rogar a dita Josefa Linda.

E prometeu-me de me ir logo ensinando e que eu ouvia ao tal Homem dentro de breves dias. Isto foi sentadas eu e ela na minha cama, para donde logo que chegou a levei como minha hóspeda e sempre dali por diante, em todos estes anos, até umas semanas atrás, dormimos ambas e tratando-a eu com respeito de Mestra e como de mim Senhora, a bem de dizer, e camarada, juntamente dei-lhe nesse primeira dia, que era noite, de comer e lhe fui buscar a ceia à cozinha, que dentro das nossas casas há para toda gente da casa, que é numerosa a família de meu Senhor, de mulheres, as mais delas escravas.⁴⁸

Acabada a ceia, disse-me que já me queria principiar a ensinar para eu chegar a ver aquele Homem que ela tanto encarecia e eu mostrava desejar. Despiu-se nua, e fez que eu também assim ficasse e disse-me que fôssemos ali para um canto da casa escuro, que ela ali me queria ensinar praticamente tudo.⁴⁹ E para que melhor me fosse ficando na cabeça tudo, que eu ali havia de fazer à figura daquele Homem, e que ela faria a minha figura, para eu dessa sorte ir aprendendo o cerimonial para entrar a falar no dia em que ele viesse. E que eu fosse tomando bem tento e como decorando para me ficar bem na cabeça pouco a pouco.

Fez logo que eu assim nua ficasse em pé arrimada no canto. E logo ela também nua se pôs diante de mim de joelhos, batendo nos peitos, fazendo adorações e dizendo: Meu Senhorzinho, minha vida, meu coração, que tanto tempo há que não o tenho visto! E mandou que eu logo em boca daquele Homem dela tão gabado, respondesse: Saudades de vossa mercê me tem matado. Beijou-me ali logo três vezes os pés, três vezes a pudenda, três vezes as partes prepósteras. Levantou-se, deu vários passeios para uma e outra parte por diante de mim e sempre que passava por diante tornava a repetir em mim e para mim, o mesmo cerimonial dito.⁵⁰ Logo que acabou os vários passeios, me pediu, mandou e eu exerci *actos inonestos tanquam vir cum foemina in pudendis, preposteris et in ore* (atos desonestos de homem com a mulher nas partes pudendas, na traseira e na boca), indo-me sempre ensinando a bater nos peitos por todo o espaço desse exercício. E que assim os havia de exercitar com aquele Homem dela tão encarecido. Fomos depois disto para a cama.

E ali de novo me tornou a exercitar os mesmos atos e cerimônias, recomendando-me que me não esquecesse daquelas cerimônias e palavras para as exercitar com aquele que ela chamava Homem (mas nunca o chamou por outro nome) e era o Demônio. E que no outro dia, me ensinaria tudo o mais depois de eu saber esta parte do cerimonial já dito. Ai me contou que sua Mestra fora uma mestiça da vila da Mocha, chamada Cecília. E como eu nunca fui à Mocha, não me ficaram mais

individações, pois sou uma índia que vim posto que pequenota de meu gentilismo, não puderam com os meus talentos ficar mais individações de sobrenome, *verbi gratia* (por exemplo), etc., neste ponto, de sua Mestra. Disse-me logo nesta primeira noite, que não haviam de passar muitos dias sem que viesse aquele Homem e que me fosse eu adestrando.

Na manhã seguinte me tornou adestrar na primeira lição, e primeiros cerimoniais da noite antecedente, e em tudo da mesma sorte, sem faltar nada. E como ela me via já capaz, como suponho, passou a tarde e primeira noite desse dia a prosseguir com outros ensinos e advirto que nem todos me lembram, principalmente de palavras e ladainhas abaixo apontadas. De tarde do mesmo dia e a próxima noite, disse que se vinha chegando já o tempo do seu Homem vir, e eu entrar a ele, e encadeou o cerimonial já dito naquele ensaio com as adorações, passeios por diante, etc. E antes de entrar aos atos torpes comigo, nuas como dito é, disse que esperasse que ela queria ir buscar a sua canastra⁵¹ uma cousa. Fiquei assim arrimada ao canto e em pé, descomposta. Veio com uma imagem de um Cristo de alquime⁵² amarelo da altura de meia mão travessa a cruz. E com uma imagem da Virgem Senhora do Carmo em matéria de gesso, do comprimento de três dedos craveiros⁵³, pintada a figura e hábito de Nossa Senhora do Carmo pequena. E logo diante de mim, apontando para o Cristo, disse que aquele era o Moleque⁵⁴ e que este mesmo era para ela. E que aquela, apontando para a Virgem Senhora, era a Negrinha (palavra que nestas partes nomeiam senhores e senhoras tudo o que é escrava fêmea) e que esta mesma era para mim, isto é, a minha escrava. Batí logo no chão com elas ambas, com fúria de senhora, com desprezo e desdém, dizendo que aquele era o Moleque e que aquela era a Negrinha. Isto foi no exercício da primeira noite, e dizendo que era necessário aprender bem aquelas cerimônias e que aquele Homem havia de vir mais cedo, e talvez aquela mesma noite. Foi logo depois de jogar com as imagens em terra, buscar um relho, isto é um açoute de correias.⁵⁵ Chegou e logo começou dizendo que fosse eu tendo sentido para aprender, pois estas eram as cerimônias para entrar e ter com aquele tão destro Homem que sabia fazer tantas coisas e desonestidades, e foi açoutando a imagem de Cristo e da Virgem Senhora dizendo e pondo-lhe infinitos nomes e blasfêmias heréticas, e do inferno, chamando a Nosso Senhor, moleque, atrevido, corno, dando-o ao diabo e à puta que o pariu, arrenegando dele e de toda sua raça, arrenegando de seu céu, de sua igreja e de todos os que estavam dentro dela, e de quem o gerou, dos seus santos, da sua corte do céu, arrenegando da sua confissão, dos padres que confessam, da sua missa, e dos seus padres que a diziam, e arribando (isto é, que o levantavam ao levantar da Santa Hóstia, não nomeava hóstia mas isto entendia pela palavra arribar) arrenegando do batismo e dos padres que batizavam. Estas eram em suma as blasfêmias contra Cristo e batendo sempre com o açoute ou relho e logo passou a bater com o mesmo relho na outra imagem da Virgem Senhora, dizendo outras ordens de blasfêmia do inferno, pondo-a de puta e dizendo que ela era a maior puta, cuidando era virgem, e dizendo: Ela está muito concha⁵⁶ que pariu a seu filho virgem e ela é puta como as demais. Chamava-a rabicha, puta sem vergonha, cachorra parada, perra, bruaca, (isto quer dizer lapa, toda desencadernada, amassada e pisada de todos como a mulher mais comida de todos, pois tudo se entende mui enfaticamente pela palavra bruaca). Arrenegava nomeando *per spurcissima nomenclatura pudenda Beatissima et Purissima Virginis, Christi et per eadem* (por nomenclatura nojentíssima a Beatíssima e Puríssima genitália da

Virgem e do Cristo e da mesma forma) arrenegava das suas *própria pudenda patris matrisque propria* (próprias genitálias e de sua própria mãe e pai) e de quem a gerou, da sua própria alma, e de todo o seu próprio corpo e o dava a todos os diabos. Logo cuspiu sobre Cristo e a Virgem, queimou com fogo a ambos abrindo algodão e dando-lhe fogo e mijou sobre as imagens.

Entregou-me o açoute ou relho e fez que eu fizesse tudo o mesmo e com as mesmas ladainhas de blasfêmias e tudo o mais, (pois como de alguma sorte me obrigava como irando-se de alguma sorte no que eu também de alguma sorte me pejava), fiz sem lhe faltar cousa alguma, pois tudo me foi apontando e ensinando até também lhe mijar. O que acabado foi outra vez fazendo-me as adorações e batendo nos peitos, passando de uma parte para outra, como foi na primeira noite, chamando-me meu Senhor, etc. Logo *mecum exercuit torpes actus similes* (comigo exercitou semelhantes atos torpes) dos da noite antecedente fazendo que eu batesse nos peitos para me ensinar a eu fazer com aquele Homem seu, o que ela dizia. O que aqui foi demais da primeira noite foi que, entre os atos torpes, virava ela para as imagens de Cristo e da Virgem Senhora dizendo: o Moleque e a Negrinha estão com inveja e querem vir a donde (entendendo aquele seu Homem, o Demônio) vem seu Senhor, isto é, querem vir exercitar as desonestidades que elas estavam exercendo. Acabados que foram os atos torpes *in pudendis, prepostere et in ore* (na genitália, traseira e na boca) pegou ela da imagem de Cristo, dizendo eu pego no Moleque, pega tu na Negrinha e faz o que eu disser e vai dizendo e fazendo para a Negrinha o que eu disser e fizer para o Moleque. Meteu logo *in pudendis suis propriis* (em sua própria genitália) a imagem de Cristo dizendo com fúria e desdém: o Moleque quer vir e entrar a donde entra seu Senhor. Da mesma sorte, o meteu pela *prepostere* (traseira), dizendo o mesmo. E logo na boca dizendo o mesmo. E eu fui fazendo *in meis propriis* (nas minhas próprias partes) tudo e da mesma sorte dizendo: a Negrinha quer entrar a donde entra seu Senhor. E vomitando nós ambas blasfêmias, jogamos com as imagens no chão e as tornamos a açoutar com todos os cerimoniais do inferno que tinham sido antes dos atos torpes, e acima apontados. Repetiu-me este último cerimonial nesta noite antes de cantar o galo por vezes. Nos recolhemos a cama; tornou ela a provar-me a cerca das ladainhas das blasfêmias, apontando-me a donde eu errava. Aí me disse que aquele Homem havia de vir ainda nessa mesma noite ao cantar do galo. E que eu lhe não faltasse com as cerimônias que ela me tinha ensinado. E que eu ali veria as destrezas desse Homem e que eu havia de ficar admirada e com a boca aberta. Era esta a segunda noite da chegada à casa desta hóspeda e maldita minha Mestra. Esteve-me desta sorte adestrando por todo esse tempo.

Cantou o galo, disse-me ela que eram horas, que fôssemos para aquele canto da casa costumado, e para aula donde me tinha ensinado, que já lá estava o seu Homem, certificando-me que não tivesse desconfiança, porque ninguém o havia de pressentir. Porque ele tinha essas destrezas de fazer tudo o que queria e que ninguém o havia de sentir, nem saber embora que a casa estava cheia de gente da família da casa, que consta de mais de trinta pessoas e a casa estreita para tanta gente.

Despimo nos nuas e fomos para aquele canto de dentro da casa e já lá estava o Homem, isto é, o Demônio em figura de homem, também nu. Foi-me a Mestra apontando, que o adorasse, batesse nos peitos, chamando-o meu Senhorzinho, etc. Fiz eu tudo e ele me respondeu: Saudades de Vossa Mercê me trazem por

aqui e me tem matado. Assentou-se a minha Madrinha e Mestra de uma parte e eu da outra, e ele no meio. A Madrinha e Mestra lhe disse: que ali lhe trazia esta mulher que ela tinha ensinado. Perguntou-lhe ele logo: E pois sabe já tudo? Repôs a Mestra que já sabia, como ela lhe tinha ensinado, que me tinha dado a Negrinha por minha, isto é, a imagem dita da Virgem Senhora, a esta apelava Negrinha.

Mandou-me logo a Mestra ficar ali, com o decantado⁵⁷ seu Homem, que era o Demônio. Fui-lhe logo fazendo todos os cerimoniais ensinados de adorações, bater nos peitos, beijar-lhe os pés três vezes, três vezes a parte pudenda, três vezes as partes prepôsteras, dizendo-lhe: meu Senhorzinho, minha vidinha, meu coração, entregando-lhe a alma e o corpo, batendo nos peitos e pedindo-lhe misericórdia. Respondeu-me ele: saudades de Vossa Mercê me trazem por aqui, e saudade de Vossa Mercê me tem matado. E aqui fiquei já em uma profunda e inteira apostasia, reconhecendo ao Diabo por meu Senhor e Redentor, sem mais crer, que havia inferno e que ele era o Senhor do Céu.

E porque ela a Mestra antes de se ir embora dizia ao tal Homem, que eu me queria confessar, repôs ele que na sua casa ele tinha muitos padres, que se não confessasse senão com eles e que quando eu quisesse, ele mandaria os seus padres para me virem confessar.

Habui turpia comigo in pudendis, prepostera et in ore (teve atos torpes comigo na genitália, traseira e na boca), batendo eu sempre nos peitos rendendo adorações e com esta advertência mais, que sentia *pudenda virilia* (genitálias viris) em todas as partes ao mesmo ponto de todo o corpo, não só nas partes nomeadas, mas em todas as juntas e mais mínimos membros e sentidos de todo o corpo, ainda nos mais mínimos dedos. E este era e foi sempre o teor de todos os anos que tenho tido este infame comércio com o Demônio. Eu não via mais da figura de um homem, mas *pudenda virilia quae sentiebam et non videbam* (as genitálias viris as quais sentia e não via), e eram quase infinitas. Nestes atos eu vomitava pela boca sempre blasfêmias heréticas ditas e aprendidas desta Mestra minha e companheira de cama de cinco para seis anos, pois o não sei ao certo, por nós índios não sabermos contar bem os anos. Sei que eu ainda então não estava deflorada, e ela Mestra e minha Madrinha deste torpe comércio assim o certificou, e lhe disse ao Demônio nesta primeira introdução. Repôs-lhe o Demônio: que não importava o estar ainda virgem. Nem ele, o Demônio, nunca me deflorou: deflorei-me eu adiante mais com pessoa humana, homem com que tive torpezas. Tinha comigo o Demônio tempos antes de deflorada todos os atos torpes *per exteriora pudenda, post defloratione intra* (pela parte exterior da genitália e depois da defloração, por dentro). E quando já me achou deflorada, me disse: agora está bem.

Aparecia em várias figuras e nessas mesmas *exercebat nobiscum turpitudines* (exercia conosco torpezas), encadeando-as todas no mesmo tempo, isto é, em todas as partes ainda as mais mínimas de todo o corpo humano. Uma vez homem, em figura humana; outras bode, outras cachorro, outras, animal imundo, outras, pato, outras, galo, outras, touro, outras, cavalo, outras, cobra. Em cada uma de todas estas figuras, (não via senão uma figura) *sentiebam innumera pudenda masculina illius speciei* (sentia inúmeras genitálias masculinas de cada uma daquelas espécies) em que naquela ocasião se mostrava, em todas as partes ainda mais mínimas de meu corpo, exercendo ao mesmo tempo naquelas ditas articulações todas as torpezas encadeadas. Com esta que nunca era humana, era naquele lugar e canto acostumado, via-se um Homem só, mas como se ali estivessem inumeráveis

pudenda virilia (genitálias viris) e assim nas outras figuras via-se *verbi gratia* (por exemplo) touro, um só, mas como se ali estivessem inumeráveis *pudenda taurina* (genitálias taurinas), e assim das mais figuras; as (genitálias) de brutos eram fora do lugar costumado, ao pé de nossa cama. Entrava a Mestra e entrava eu, na figura que aparecia naquela ocasião, e não virava outra. Em figura brutal, se deitava entre nós ambas muitas vezes na cama e nós nuas. A meia noite, cantada do galo, era no canto dito em figura humana. Mandava-me a minha Mestra e quando eu ia, ficava ela na cama, acabava eu, ia ela, mas com esta advertência entre nós, que por todo o tempo que lá estava exercendo *turpia* (atos torpes) com o Demônio, nesta figura humana, ficava eu e estava por todo esse espaço de tempo açoutando o que chamava Negrinha, dando couces⁵⁸ na imagem da Virgem Senhora dita. E quando eu lá estava exercendo torpezas com o mesmo Demônio na figura dita, estava e ficava a Mestra açoutando a que chamava Moleque, isto é, a imagem de Cristo na Cruz dita. Esta era o seu ensino dela e o nosso exercício por todos estes anos, nas mais figuras não havia tempos consignados, umas vezes a umas horas, outras vezes a outras, sem tempo certo nem horas consignadas. Em todo o tempo deste primeiro ensino por todos os ditos anos, exercitava eu e a Mestra ainda pelos tempos intermédios, e que conosco não estava o Demônio ditos *atos in pudendis, prepostera et in ore* (atos na genitália, traseira e na boca) com as mesmas adorações etc. já ditas na primeira e segunda noite desta hóspeda, minha Mestra e eu discípula, dizendo tudo o de blasfêmias de Moleque, Negrinha, e tudo o demais dito. Por dentro de casa, passeava o Demônio comigo, e dizia a minha Mestra que não queria passeasse ele comigo por fora.

Na primeira noite, que a Mestra como Madrinha me levou ao Demônio, no dia seguinte, se pôs ela arrufada⁵⁹ comigo, dizendo-me que aquele Homem a tinha repreendido por que ela me não tinha ensinado capazmente. Mas passado esse dia, logo ficou com aquele respeito de Mestra e ela comigo com superioridade de Mestra, pois desde os princípios quando eu não dizia logo e não fazia também logo todos os seus ensinamentos, ela com superioridade logo me fazia dizer, como mostrando-se e fazendo-se agastada. Eu também me não fazia muito de rogar, e obedecer, pela natural simplicidade minha, como índia e pela minha maldade rústica e grosseira como índia a quem é como natural serem de gênios simplices, fáceis e grosseiros. E ajuntando-se a vontade mui inconstante comum com toda a facilidade ao que é sensível e palpável e parece não usam nisso de metade do racional, este é o comum gênio da gente vermelha como eu sou, e por isso, eu lhe obedecia e guardei sempre respeito, porque nós os índios vermelhos, não somos ladinos como os brancos, nem ainda como os pretos e muito menos como os que trazem raça de gente preta, misturados já com alguma parte de gente branca.⁶⁰

No dia da comunhão tanto minha como dela (andávamos de camarada⁶¹), tomava-se a comunhão na missa e sem que os circunstantes advertissem, tirava-se da boca e na mão, se levava a Santa Fórmula consagrada ao nosso Homem, que já lá estava na companhia daquela, que de nós no seu dia não comungava, e entregávamo-la na mão do Homem que era o Demônio em figura humana. Este, logo, furiosamente, batia com ela (a hóstia consagrada) no chão com incrível desprezo, pisava-a a couces e a açoutava e logo a pisava com pedra, mijava sobre e queimava. E depois dele, cada uma entrava a fazer o mesmo com blasfêmias e impropérios, cuspiamos todos três: eu, a Mestra e o Demônio. Este ali nos dizia que aquele Sujeito (entendendo e apontando para o Cristo, e não o nomeava por outro nome e à Senhora por

Sujeita), que ele se gabava que criara este mundo, mas que soubéssemos que não fora o Sujeito que o criara, mas ele, isto é, esse Demônio, o criara. Que aquele Sujeito não remira o mundo, mas ele o Demônio o remiu; que naquele Sujeito não créssemos, mas sim nele, e que o céu, ele o fizera, e a glória, mas não o Sujeito. E eu, e a minha Mestra, nisto ficávamos e estávamos como submergidas em profundíssima apostasia, e em profundo ateísmo, sendo só o Demônio, isto é, aquele Homem, que bem sabíamos ser o Demônio, por nosso Senhor. Ali logo se ia a deitar e descansar conosco na cama, ainda que não exercitava atos torpes. E depois de mostrar que tinha descansado, abraçando-nos, se despedia de nós até outra vez nos vir a visitar. Dávamos figas⁶² às imagens de Cristo e da Virgem Senhora e no dia que cada uma de nós havia de comungar, que há mais missas, ainda quando as havia nestas Cajazeiras em casa, por não haver ao perto igreja, não assistíamos ainda que fosse dia de preceito.

Ao princípio dizia-me a minha Mestra que na Vila da Mocha, para as mulheres andarem com o Demônio, que nomeava por nome Tundá, se ia tomar o tal Tundá à porta da Igreja e que batiam com as prepósteras nuas de noite na porta da igreja e que iam também às covas dos defuntos a buscar ossos de menino pagão,⁶³ mas que como aqui nestas Cajazeiras não havia igreja, se não podia fazer este cerimonial. Mas que ela supriria por outro modo, para ir ter com aquele seu Homem, como na verdade fez. E não foram necessários muitos dias, pois dentro de dois dias, como dito é, e ainda não inteiros, se fez tudo o que tenho denunciado. E foi sempre o mesmo trato e cerimônias, por todos estes cinco para seis anos deste meu infame cativo e profundíssima e inteira apostasia.

E se de algumas cousas por mais miúdas me não pode lembrar, por serem tantas, aqui todas as hei por denunciado, a mim e a minha Mestra Josefa Linda, ainda que a respeito dos ditos serão miudezas. E peço a Vossas Excelências Reverendíssimas em nome da Santa Igreja, perdão e que ajam comigo com comiseração e misericórdia por que eu prometo de não tornar a semelhantes precipícios e cegueiras e já agora creio como fiel cristã, ainda que tenho sido tão infiel, cega e desgraçada, não mais tornarei a ter tratos com tão maldita e infame Mestra ainda que por escrava dentro da casa de meu senhor vivo com ela até aqui.

A minha denúncia de mim e desta Mestra de heresias não tenho ensinado a ninguém.⁶⁴ Nem semelhantes diabruras e heresias se acharão jamais em mim, como espero na graça de Deus e pedi ao Padre Missionário da Companhia de Jesus que esta por mim e a meu nome fizesse e a dirigisse por caridade, e ele, dito Missionário, depois de m'a ter escrito conforme eu lhe tinha deposto fora de confissão e escrito em meu nome, m'a tornou a ler e mui devagar para eu entender, encarregando-me em tudo verdade e singeleza para obedecer aos Editais do Santo Ofício, pois por falta de Comissários e não haver prática por estes Sertões dos tais Editais, não pude eu saber tinha obrigação para denunciar aos mestres de heresias como a dita Josefa Linda, Mestra para comigo, sobre eu ter-me como discípula embaraçado com ela. E eu, o Padre Manuel da Silva, Religioso Professo da Companhia do Estado do Maranhão, e há anos em Missões Pedâneas por estes povos, sertões e minas, que a fiz a denunciante em seu nome conforme o que me pedia, e lha li depois de escrita mui devagar, e em modo que entendesse, sem acrescentar nem diminuir do que a denunciante me dizia, e ela me disse e certificou, estava na verdade, e assinou aqui comigo com a sua cruz, por ela não saber ler nem escrever. Aos 10 do mês de abril de 1758 anos, neste Sítio das Cajazeiras do Capitão Mor

José de Abreu Bacelar.
 Custódia + de Abreu
 O Padre Missionário Manuel da Silva da Companhia.

À guisa de conclusão

74 A leitura deste documento permite-nos avançar na compreensão da vida religiosa dos colonos do interior do Brasil, confirmando a onipresença e fantástica plasticidade do sincretismo religioso em todos os rincões da América Portuguesa. Mesmo numa capitania bastante isolada e de colonização tardia, como o Piauí, numa vila pequenina com reduzido número de residências e moradores, portanto, com atento controle social dos responsáveis pela manutenção da tradição e dos bons costumes, com a presença surpreendente de um numero elevado de sacerdotes seculares e regulares, além da visita esporádica de delegados episcopais e missionários, havia espaço para o desabrochar de religiosidades heterodoxas e a permanência de credices e rituais proibidos – como este congresso de diabos e feiticeiras. Tal documento suscita algumas dúvidas ainda sem solução: de quem, quando e onde a principal divulgadora do sabá do Piauí, a mestra feiticeira Cecilia Rodrigues, moradora na Mocha, teria aprendido tal cerimônia? Porque este ritual diabólico ter-se-ia propagado tão somente no sertão do Piauí? Com as confissões e delações das três principais cúmplices, Joana, Custódia e Josefa Linda, o tal “congresso de diabos” teria sido definitivamente desterrado para os quintos dos infernos? Cremos que não, pois embora a “filial” do sabá, na Fazenda das Cajazeiras tenha recebido golpe mortal, com a confissão e abjuração das principais envolvidas, a “matriz” da Mocha deve ter continuado ativa, posto não constar que tenha sido neutralizada pela ação catequética do zeloso jesuita travestido de inquisidor.

Como certeza ficam algumas evidências que demonstram, de um lado, que estamos face a um sabá genuíno – posto repetir rigorosamente muitas das cerimônias congêneres documentadas em Portugal e noutras regiões da Europa. Por outro lado, o congresso de diabos da Mocha revela certas especificidades decorrentes do sincretismo luso-afro-ameríndio, demonstrando sua plasticidade em adaptar-se a situações socioculturais específicas do Novo Mundo. Uma delas, a

de ter-se mantido mais secreto do que no Velho Mundo.

Tradicionalmente costuma-se definir o sabá como uma assembléia noturna de feiticeros e feiticeras sob a presidência do Diabo, sendo os participantes introduzidos a esta comunidade por outros adeptos através de variados rituais de iniciação, sendo transportados misteriosamente de sua residência para o local da assembléia. Tais lugares, geralmente distantes e preñhes de mistério, incluíam ruínas, pedreiras, lagoas, florestas. Na Mocha, era no Campo do Enforcado, “umas covas de defuntos que estão a um lado da vila, por se ali ter enforcado algumas vezes alguns delinqüentes”. Os dias de realização dos sabás europeus variavam regionalmente, ocorrendo com maior freqüência aos sábados. A véspera de São João também sempre foi uma noite particularmente propícia para o comércio com o Diabo em diversos países do Velho Mundo: nestes aspectos organizacionais, o conventículo diabólico do Piauí coincide exatamente com o predominantemente observado alhures, inclusive o tempo de sua duração, “até galo cantar”. Em vez do sacrifício de crianças, na Mocha utilizam-se ossos de inocentes retirados dos túmulos como ingredientes do ritual, e no lugar da famigerada missa recitada de trás para frente, aqui rezava-se o Credo às avessas: “Creio em Deus Padre, mas ele não é padre, Todo Poderoso, mas ele não é poderoso, creio em Deus Filho mas ele não é filho,” e assim por diante.”⁶⁵ Repete-se no sertão piauiense o mesmo ingrediente universal do ritual sabático: a cerimônia de adoração do Diabo, o beijo simbólico em suas partes pudendas, o repisar *ad nauseam* de blasfêmias e impropérios heréticos contra o Cristo e Maria Virgem, a arrenegação da fé católica e dos sagrados vínculos parentais, tudo isto arrematado com a prática de orgias abomináveis com Satanás e seu sequazes infernais. Não há, contudo menção, no sabá das mestiças do Piauí, de alguns ingredientes tradicionalmente observados nos congêneres d’além mar: o banquete coletivo, a utilização de lanternas e instrumentos musicais, nem tampouco referência ao uso de drogas alucinógenas, unguentos e à feitura de marcas corporais identificadoras do pacto diabólico. A aparência animal assumida pelo Demônio é tão polimórfica aqui na América Portuguesa quanto no Velho Mundo, incluindo praticamente todos os animais domésticos e mais alguns selváticos, como a cobra – a primeira forma

76 assumida por Lúcifer quando levou Eva ao pecado. As feiticieras da Mocha não mencionam nenhum animal nativo do sertão – nem mesmo o macaco, presente no imaginário de demonômanos de outras capitânias. A inversão e desregramento sexual é componente constatado universalmente entre as feiticieras e seus amantes infernais, que também aqui praticam descaradamente sodomia, felação, cunilíngua e anilíngua. A relação homoerótica entre a mestra Josefa Linda e Custódia, sua aprendiz de feiticiera, parece ser peculiar dessa versão sertaneja do sabá, assim como as visitas extemporâneas feitas pelo Homem – o Diabo maior, à alcova de suas amásias, às vezes, simplesmente para compartilhar o leito, sem fornicção. Aliás, este é um aspecto particularmente interessante do caso brasileiro: a descrição dos rituais blasfêmicos e sacrílegos, assim como as interações orgiásticas com Satanás na própria moradia e alcova das discípulas, revelando um *continuum* e permanência de relações que extrapolam os ritualizados ajuntamentos coletivos ocasionais no Campo do Enforcado. No Piauí, além dos “infernais exercícios” coletivos, havia lugar para uma espécie de sabá diádico, às vezes um “*menage a trois*” realizado ora no recôndito da camarinha, ora num canto da morada da escravaria, ou ainda “a uma parte junto da nossa casa”. A profanação imoral de objetos sagrados – do crucifixo e da imagem de Maria Virgem, e, sobretudo a violação da hóstia consagrada, fora do “congresso de diabos”, mas com a presença do Maioral adjunto na casa das feiticieras, confirma o caráter difuso e doméstico, quase cotidiano, do comércio dos anjos do mal com os mortais. Embora tratado respeitosamente como “Senhorzinho”, o Homem agia mais como um típico diabo “familiar” ou um “incubo”, diga-se *en passant*, bastante complacente, pois sequer teve ganas de deflorar à índia Custódia.

Nossa avaliação desse “Congresso de Diabos” do sertão do Piauí, é que de fato se trata de um sabá genuíno, devendo ser entendido como parte de um continuum religioso popular, híbrido ou sincrético, e que apesar do arrependimento formal e promessa de seu abandono por parte das três feiticieras, parte de seus ritos e cerimônias certamente continuaram a ser praticados posto que são idênticos aos observados nos rituais comunitários e públicos antigamente chamados de “calundus” e que nalgumas regiões do Brasil contemporâneo vieram a se cristalizar

sob o nome de Umbanda.⁶⁶ A forma como o Moleque se manifestava ao se relacionar com as mestras feitiçeras, batendo no peito, andando compassadamente de um lado para o outro, dialogando de forma solene com suas “filhas”, teatralizando personalidade peculiar - todas essas performances, inexistentes nos Candomblés genuínos e demais denominações de tradição Mina-Nagô, são presença constante nos Calundus de tradição Bantu-Angola, lembrando as “incorporações” (receber o santo) observados nos terreiros de Umbanda, quando “caboclos”, “pretos velhos”, “escravos” e outros encantados incorporam nos “cavalos de santo”, passando a assumir conduta muito semelhante à do Moleque da Mocha. Mais ainda: quando a feitiçera Joana diz ao Diabo que queria se confessar, “repôs ele que na sua casa ele tinha muitos padres, que se não confessasse senão com eles e que quando eu quisesse, ele mandaria os seus padres para me virem confessar” – podemos perfeitamente associar tais “confissões” às “consultas” feitas pelos umbandistas ao se ajoelharem aos pés dos pais de santo quando vão receber “passes” - ritual inexistente nos candomblés, mas universal nos salões de Umbanda.

77

A realização até hoje de rituais noturnos sigilosos nos túmulos de cemitérios e a utilização de ossos e restos mortais pela Umbanda (“pemba”), reforçam a hipótese de ter assimilado alguns elementos cabalísticos e práticas rituais observadas no Congresso de Diabos no Campo do Enforcado. A própria maneira como denominação de “Mãe” por parte da mestiça Joana para a mestra feitiçera Cecília – salvo erro, a primeira vez que tal designação aparece associada a uma sacerdotisa do culto afro-brasileiro, é outro elemento comum no linguajar umbandista que pode ter sua origem neste remoto sabá nordestino.

Termino revelando uma fantástica descoberta que confirma a força criativa das recorrências, adaptações e invenções modernas do universo das religiões afro-brasileiras: no site <http://www.umbanda.byhost.com.br/historia.htm> nosso citado missionário jesuíta, o Padre Gabriel Malagrida, que percorreu os sertões do Piauí acompanhado do Padre Manuel da Silva diz ter-se reencarnado como um encantado da Umbanda. Eis suas palavras:

Sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque para mim, não haverá caminhos fechados. O que você vê em mim, são restos de uma existência anterior. Fui padre

e o meu nome era Gabriel Malagrida. Acusado de bruxaria fui sacrificado na fogueira da Inquisição em Lisboa, no ano de 1761. Mas em minha última existência física, Deus concedeu-me o privilégio de nascer como caboclo brasileiro.

Quem sabe se a partir da divulgação destes meus relatos das feiticeiras do Campo do Enforcado, o Caboclo das Sete Encruzilhadas nos revele a incorporação ao panteão da Umbanda, mais estes novos encantados: o Moleque Tundá e as pretas velhas Joana, Josefa Linda e a cabocla Custódia Gueguê. Consta igualmente que os jesuítas também estão resgatando a história do velho missionário, cujo processo de beatificação encontra-se em andamento em Roma. Ora pro nobis, São Gabriel Malagrida! Saravá, Caboclo Malagrida das Sete Encruzilhadas!

NOTAS

78

¹ Bethencourt, Francisco. *O imaginário da magia. Feiticeiras, saladores e nigromantes no século XVI*. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cultura Portuguesa, 1987; Paiva, José Pedro. *Bruxaria e superstição num país sem caça às bruxas. 1600-1774*. Lisboa: Notícias Editorial, 1998; Calainho, Daniela Buono. *Metrópole das Mandingas. Religiosidade negra e Inquisição portuguesa no Antigo Regime*. Niterói: Tese de Doutorado em História, UFF, 2000.

² Souza, Laura de Mello. *O Diabo na terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986; *Inferno Atlântico. Demonologia e colonização. Séculos XVI-XVIII*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

³ Mott, Luiz. *Piauí Colonial: População, Economia e Sociedade*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985, p.45 e ss.

⁴ Durão, Antônio José de Moraes. "Descrição da Capitania de São José do Piauí, 1772". Arquivo Histórico Ultramarino, Piauí, Caixa 3, in Mott, L. *op.cit.*, 1985, p.13-41.

⁵ "Relação da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória da Vila da Mocha do Sertão do Piauí, Bispaço do Maranhão, pelo Vigário Antônio Luiz Coutinho", Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Arquivo:1.1.12, Ms. do Conselho Ultramarino, 11-4-1757, fls. 502-510.

⁶ Mott, Luiz. "Fazendas de Gado do Piauí: 1697-1762", *op.cit.*, 1985, p.43-68.

⁷ Mott, Luiz. "O Patrão não está: Análise do absentismo nas fazendas de gado do Piauí Colonial", *op.cit.*, 1985, p.95-102.

⁸ Mott, Luiz. "Estrutura demográfica das fazendas de gado do Piauí Colonial: Um caso de povoamento rural centrífugo", *op.cit.*, 1985, p. 71-92.

⁹ Pereira da Costa, F.A. *Cronologia Histórica do Estado do Piauí*. Rio de Janeiro: Editora Arte nova, 1974, p.149.

¹⁰ "Accento das cazas proprias, e de aluguer que ocupão os moradores da Cidade de Oeyras capitannia de São Jose do Piauhy, Suas Famillias, Pessoas de hum, e outro sexo, mossos, Escravos, Seus Suburbios, e a Rebaldes, cazas, e rossas dellas, q' o Illmo S.r João Pereyra Caldas Governador da dita Capitannia a mandou fazer, e averiguar por Domingos Barreyra de Macedo Cappitam mor da mesma Cidade, e da Governança della, de que foy Escrivão Luis Antonio Ribeiro da mesma Governança." Introdução por Miridan Britto

Falci, transcrição por Marcus Simões Amorim, *Revista do Instituto Histórico de Oeiras*, n.17, 2000/2001, p.165-206.

¹² Durão, *op.cit.* 1985, p. 24.

¹³ “Pedâneo”: juizes que, nas vilas e aldeias, julgavam de pé e no direito eclesiástico, aos missionários viajantes que percorriam as residências mais afastadas da zona rural.

¹⁴ Mury, Paul. *Historia de Gabriel Malagrida*. São Paulo: Editora Loyola, 1992, p.100. O Padre Malagrida foi queimado pela Inquisição em 1761 sob acusação de heresia.

¹⁵ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor N.128, apud Mott, Luiz, “A Inquisição no Piauí”, *Jornal Diário do Povo*, 29-10-1987.

¹⁶ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo Nº 2168, 24-7-1782, apud Mott, Luiz. “A Inquisição no Piauí”, *op.cit.* 1987.

¹⁷ Este manuscrito encontra-se entre as folhas 125-127 do *Caderno do Promotor n.121, Livro 313 da Inquisição de Lisboa*, perfazendo um total de onze páginas. Caligrafia bastante regular e de boa leitura, tem como título “Apresentação de Joana Pereira de Abreu, Josefa Linda Mestra e Cecília Rodrigues”. Sua transcrição diplomática é feita *ipsis verbis*.

¹⁸ Os *Editais do Santo Ofício* consistiam numa lista de dezenas de quesitos com a indicação das principais heresias e condutas morais e religiosas heterodoxas que pertenciam ao “conhecimento do Santo Ofício” e que todos os católicos deviam denunciar a si próprios ou a terceiros junto aos Comissários da Inquisição, ou na falta desses, aos sacerdotes. Normalmente eram fixados tais Editais nas portas das Igrejas no início da Quaresma, ou lidos aos fiéis durante a realização das santas missas.

¹⁹ Encontramos na *História da Companhia de Jesus no Brasil*, de Serafim Leite, (1949), importantes dados biográficos sobre o Padre Manuel da Silva, o autor deste manuscrito sobre sabá: nascido na vila de Santiago de Besteiros, bispado de Viseu, em 6 de abril de 1697, entrou para a noviciado dos jesuítas em 1717. Fez profissão solene em 1734 no Colégio de São Luiz do Maranhão, onde ocupou foi professor de Filosofia e Teologia, além de Mestre de Noviços e capelão das Ursulinas desta cidade. Destacou-se como “ardente missionário pelos sertões do Maranhão, Piauí e Goiás, e exímio em dar os Exercícios Espirituais de Santo Inácio.” Acompanhou o Padre Gabriel Malagrida em suas andanças pelo sertão do Piauí. Quando da prisão e expulsão dos Jesuítas, estava missionando pelo interior, sendo enviado preso a Lisboa somente no ano seguinte, em 1761. Morreu na Prisão de São Julião da Barra (Lisboa) aos 17 de abril de 1766, com 69 anos. Em seu epitáfio consta: “Vir valde zelosus et austerae poenitentiae,” i.e., “homem de grande zelo e austera penitência”. Segundo seu biógrafo, “o Padre Manuel da Silva foi um os missionários volantes mais afamados no Norte. O seu método foi o de muitos outros: iam sem companheiro, por não haver bastantes para isso. Levava a imagem de Nossa Senhora das Missões. Ia de terra em terra demorando-se em cada localidade na casa de algum morador mais digno, durante 15 dias, fazendo um misto de missão e exercícios espirituais.” O Padre Manuel da Silva publicou em 1731 um opúsculo intitulado *Philosophi Horologii* (Lisboa, Tipografia Augustiniana), encontrando-se na Biblioteca de Évora seus manuscritos “Conclusiones lógicas Beatissimae Virgini Mariae” e “Carta ao Governador do Pará, de Aldeias Altas, 1753”, onde descreve suas “missões pedâneas” e diz: “o bem das almas é o alvo do meu officio.” (Volume IX, p.125). O principal historiador piauiense, Odilon Nunes, informa que o Padre Manuel da Silva fora preso por ordem do Governador João Pereira Caldas, seguindo instrução do Bispo do Pará, executando este encargo o Capitão-Mor de Parnaçuá. *Pesquisas para a história do Piauí*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1975, p.105.

²⁰ A escrava Joana tinha, portanto 11 anos quando iniciou a ter relações sexuais com o Diabo.

²⁰ “Apostasia: abandono da fé católica” – era uma das condutas perseguidas pelo Tribunal da Inquisição. *Regimento do Santo Ofício da Inquisição dos Reinos de Portugal*. D.Francisco de Castro, Inquisidor Geral do Conselho de Estado de Sua Magestade, 1640. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n.392, 1996, p.829.

²¹ Diversas vezes, o missionário jesuíta insiste na fragilidade, rusticidade cultural e infantilidade da mestiça Joana, numa atitude de simpatia e solidariedade com vistas a inocentá-la ou quando menos diminuir-lhe a culpabilidade junto aos Inquisidores, em vista dos graves delitos cometidos.

²² A palavra mais corrente na documentação inquisitorial da época para referir-se às nádegas era “traseira”, e com menor freqüência, “parte prepóstera” – termo usado tanto nas primeiras visitas no Brasil (1591-1618) quanto na visita do Grão-Pará (1763-1769). Nos finais do século XVII encontramos pela primeira vez grafado o étimo “bunda” (de origem bantu) num poema de Gregório de Matros, e posteriormente, numa denúncia contra Garcia Dávila Pereira de Aragão anterior a 1795: Mott, Luiz. “Terror na Casa da Torre”, In João José Reis (ed.), *Escravidão e Invenção da Liberdade*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988:17-32.

²³ “Tundá”, “dança de tundá” e “acotundá” eram termos correntes em cerimônias de matriz africana no Brasil colonial, sendo documentado em Minas Gerais em 1747, no povoado de Paracatu. Cf. Mott, Luiz: “Acotundá: Raízes Setecentistas do Sincretismo Religioso Afro-brasileiro”, *Revista do Museu Paulista*, vol.31, 1986:124-147. Tunda é também o nome de uma vila na província de Huambo, Angola. Em kibundo, “tunda” é o imperativo do verbo sair, “saí! Arreda!”

²⁴ Também a Soror Vitória da Encarnação, a maior “santa” da Bahia seiscentista, o demônio apareceu algumas vezes em forma de “moleque”, refletindo a associação racista entre a raça negra e o reino das trevas. Outros energúmenos, como Miguel Pestana, um índio tupinambá do Espírito Santo preso pela Inquisição em 1737, também disse ter sido importunado pelo diabo em forma de moleque. Cf. Mott, Luiz. Um Tupinambá Feiticeiro e o Diabo Macaco nas garras da Inquisição: 1737-1744, (no prelo). “*Moleque do surrão*” é um dos muitos nomes atribuídos ao diabo no interior do Brasil.

²⁵ “Blasfêmias ou proposições heréticas” faziam parte dos delitos pertencentes ao conhecimento do Santo Ofício: poderiam ser indícios de desvios mais profundos da verdadeira religião católica. Cf. *Regimento do Santo Ofício da Inquisição dos Reinos de Portugal*. D.Francisco de Castro, Inquisidor Geral do Conselho de Estado de Sua Magestade, 1640. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: n.392, 1996.

²⁶ Apesar do calor dos trópicos, possuir saia de veludo era uma das maiores ambições e símbolo de status das mulheres na Colônia, como se depreende dos testamentos de escravas em Minas Gerais nesta mesma época. Cf. Mott, Luiz. “De Escravas a Sinhás”, *Mulherio*, S. Paulo: janeiro 1988:12-13; Idem, *D.O. Leitura*, São Paulo: Agosto, 1988. Tradicionalmente o uso de sapatos era privilégio das mulheres e homens forros, o que mais uma vez comprova certa liberalidade do cotidiano dos escravos no sertão do Piauí.

²⁷ Refere-se a Sant’Ana, “mãe de Maria Virgem” e a Emanuel, o Messias, seu filho Jesus.

²⁸ “Cachorra: mulher desavergonhada, cínica, devassa.” A expressão “cheia de água”, que hoje no Nordeste equivale popularmente a “embriaguez”, talvez se referisse neste contexto ao “líquido amniótico que é expelido do útero antes do parto”.

²⁹ Ao cifrar várias expressões em latim, o Padre Manuel da Silva seguia a tradição escolástica católica de nos livros e documentos de Teologia Moral utilizar o latim para acobertar expressões sexuais que poderiam escandalizar os olhos e ouvidos dos fiéis cristãos menos eruditos.

³⁰ “Amassar” aqui pode ser entendido tanto no sentido de “fazer massa”, alusivo ao

13 Uiriu 51

Evangelho de São João, (I,14) “verbum caro factum est”, (e o verbo ser fez carne), como no sentido chulo antigo de “bolinar”, correspondente ao contemporâneo “dar um amasso”.

³¹ A palavra “raça” aqui deve ser entendido como “o conjunto dos ascendentes e descendentes de uma família, uma tribo ou um povo, que se origina de um tronco comum”, ou como diz o escriba deste documento, “parentela”.

³² O Padre Manuel da Silva, professor de filosofia e teologia no Colégio dos Jesuítas do Maranhão, utiliza cinco vezes nesta confissão o termo “universal”, que segundo a Escolástica, pode aqui ser entendido como “o conjunto das idéias (ou atos) que, numa dada circunstância, estão sendo tomados em consideração e que abrange todos os indivíduos de uma espécie.”

³³ Outros demonôlatras seja no Reino, seja na América Portuguesa, e a própria Índia Custódia, disseram ter visto o demônio aparecer sob a forma de gato, macaco, cobra ou em forma mesclada, com corpo de homem e pés de bode, além destes citados animais. Cf. Mott, Luiz. “A vida mística e erótica do escravo José Francisco Pereira”, *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro: n°92/93, jan.jun.1988, p. 85-104.

³⁴ Nesta passagem, e mais vezes ao longo da confissão, a energúmena Joana, através do relato “filtrado” pelo Missionário Jesuíta, salienta que a aparição do demônio, assim como todos os atos sexuais com ele praticados, eram experiências mentais – diz ela “vinha-me à cabeça sugestão de outra figura... que tinha no coração”, descartando portanto a presença física do “Homem” seja em suas visitas a domicílio, seja no “congresso de diabos”. A Teologia católica oscilou historicamente, ora defendendo a corporalidade do demônio em suas vexações contra os humanos, ora sua espiritualidade, pois como anjo decaído, embora imundo, Satã não perdeu sua condição de espírito. Cf. Muchembled, Robert. *Une histoire du Diable, XIIème-XXème Siècle*. Paris: Edition du Seuil, 2000.

³⁵ Nas cartas de amor daquela época, sejam dirigidas ao sexo oposto, sejam ao mesmo sexo, era comum o uso destas mesmas expressões – “meu amor, minha vida”, e mesmo em cartas oficiais, costumava o remetente concluir com a frase “seu escravo”... “Meu Senhorzinho” certamente reflete a onipresença do escravismo no imaginário colonial. “Meu menino lindo: cartas de amor de um frade sodomita, Lisboa, 1690”, *Luso-Brazilian Review*, n.38, 2001, p.97-115.

³⁶ Outros blasfemos luso-brasileiros proferiram idênticos insultos a Jesus Cristo. Cf. Mott, Luiz. “Maria, virgem ou não?” In *O Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos nas garras da Inquisição*. Campinas: Editora Papirus, 1989, 190p.

³⁷ Não encontrei referência a este ritual dos quatro potes em nenhum outro documento da Inquisição. Potes d’água são referidos nas acusações contra cristãos novos (que supersticiosamente quebravam-nos quando morria um familiar), quartinhas d’água aparecem em raros em rituais de calundu, botijas com feitiços e panelas ou bacias de barro estão presentes em inúmeras denúncias contra feiticeiros de ambos os sexos, sobretudo nas Minas Gerais na segunda metade do século XVIII. Cf. Mott, Luiz. *Rosa Egípcia: Uma Santa Negra no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1993.

³⁸ Aqui e em outras passagens, o missionário jesuíta faz comentários etnográficos sobre a população local, imaginando que assim poderia estar colaborando com os inquisidores metropolitanos a melhor entender e julgar os desvios dos colonos da América Portuguesa.

³⁹ Parece ser esta uma das características do sabá: sua manutenção em grande segredo e a transmissão individualizada de seu funcionamento – sem formar uma comunidade de culto como ocorre com o calundu e outras formas ritualizadas de adivinhação e cura.

⁴⁰ A escrava Joana não detalha como era feita a “viagem” para o local do “congresso”: em outros relatos de sabás, as feiticeiras dizem ter voado em vassouras, ou eram levadas

por tufões de vento, por animais fantásticos, etc. Cf. Murray, Margaret A. *The Witch-Cult in Western Europe*. (1921), Kessinger Publishing Co, 2003

⁴¹ Os “conventículos de demônios” costumavam ocorrer habitualmente em lugares esotéricos: nos arredores de Lisboa, do Val dos Cavalinhos, no Piauí, no Campo dos Enforcados. Nas primeiras vezes de seu comércio com o diabo, quando morava na Mocha, a escrava Joana sugere que após bater a traseira na porta da igreja de Nossa Senhora da Vitória, dirigiu-se de fato, a meia noite, para o Campo dos Enforcados, e foi ali onde manteve comércio carnal com Tundá. Depois que se mudou para a longínqua freguesia de Paranaguá, distante uma semana de caminhada da Mocha, como diz inequivocamente, sua “viagem” para o Campo do Enforcado era misteriosa – ficando a dúvida se realmente as quatro mestras feiticeiras se reuniam na Fazenda das Cajazeiras “quase todas as noites” para juntas homenagearem Tundá e realizarem então tais devaneios diabólicos. Se de fato realizavam tais seções cabalísticas, deviam ser feitas secretamente, em lugares ermos, para evitar serem denunciadas às autoridades competentes. Aqui a demonóloga diz que partia em direção ao campo do Enforcado à hora da Ave Maria (18hs), tendo anteriormente referido que o congresso com os diabos se dava a meia noite.

⁴² Até os finais do século XVIII, de acordo com as Constituições do Arcebispado da Bahia, (art.99), logo após engolir a hóstia consagrada, os fiéis deviam tomar um gole de água oferecido pelo acólito, o lavatório, para garantir que nenhuma migalha da sagrada partícula tivesse ficado no céu da boca.

82 ⁴³ Os índios Gueguê foram conquistados e aldeados no terceiro quartel do século XVIII e grande parte de suas crianças e jovens distribuídos entre os moradores locais. Cf. Mott, Luiz. “Conquista, aldeamento e domesticação dos índios Gueguê do Piauí: 1764-1770”, *Revista de Antropologia*, USP, vol.30-31-32, 1987-1989:55-78. A manutenção desta índia Gueguê como escrava demonstra que não se cumpriu estritamente lei pombalina de 1755 que conferiu a liberdade aos ameríndios.

⁴⁴ A índia Custódia tinha, portanto entre 12-13 anos quando foi iniciada a ter relações com o diabo, aproximadamente a mesma idade das irmãs Joana e Josefa Linda.

⁴⁵ “Vermelho” era como os habitantes desta região se referiam aos índios. Novamente aqui este velho mestre jesuíta faz papel de etnógrafo, dando sua opinião sobre o caráter rústico dos nativos, tendo em vista atenuar a culpa da jovem Gueguê aos olhos dos Inquisidores.

⁴⁶ O segredo sobre o sabá pode explicar a sua “invisibilidade” na América Portuguesa mais do que sua inexistência em outras localidades.

⁴⁷ “Destro”: Astuto, hábil.

⁴⁸ Não deixa de ser notável esta solidariedade de uma escrava índia de 12 para 13 anos que acolhe com tanta cordialidade a outra escrava novata, mestiça, recém-chegada na fazenda (após mais de uma semana de caminhada). O compartilhar sua cama e providenciar-lhe o jantar demonstra a relativa maior liberdade tradicionalmente gozada pela escravaria no sertão pecuarista vis-à-vis os grandes plantéis da zona açucareira.

⁴⁹ É admirável que a escrava Josefa Linda, mal chegada em sua nova residência, com seus 14 anos, se sentisse tão a vontade para já na primeira noite, iniciar a índia Custódia, pré-adolescente, em rituais tão indecorosos. Também chama atenção que na “casa” onde viviam, houvesse espaço para manterem relações íntimas sem serem bisbilhotadas pelas demais moradoras.

⁵⁰ No relato anterior, da escrava Joana, não há referência explícita que Mestre Cecília ao iniciá-la no culto a Tundá, tenha beijado ou manipulado suas partes genitais. É indiscutível o componente homoerótico desta iniciação, e a maneira como a Mestra Josefa Linda caminha, batendo no peito, assumindo a personagem do Diabo, lembra o modo de proceder dos iniciados nos cerimoniais da Umbanda, quando o “cavalo de santo” ao

ser incorporado, fica fora de si, caminhando ao redor, gesticulando como caboclos, boiadeiros e outros encantados. Voltaremos a este tema na conclusão.

⁵¹ “Canastra: Caixa revestida de couro, na qual se guardam roupas brancas e outros objetos.” Através deste relato, notamos que as escravas tinham melhores condições de vida do que se poderia supor: cama, canastra, objetos próprios (imagens de Cristo e de Nossa Senhora), acesso a comida comum na cozinha, espaço para transar em secreto.

⁵² “Alquime: liga metálica de cobre amarelo, ou latão e zinco, que imita o ouro.”

⁵³ “Craveiro: palmo que tem 12 polegadas.”

⁵⁴ O termo “Moleque” era usado, portanto, por estas jovens feiticeiras, tanto como nome do Diabo Tundá, como depreciativo para se referir a Nosso Senhor Jesus Cristo.

⁵⁵ “Relho: chicote de couro torcido”. Novamente aqui o Padre Manuel da Silva faz trabalho de etnolinguista, explicando o significado de um termo sertanejo para facilitar a compreensão dos Inquisidores de Lisboa.

⁵⁶ “Concha: expressão chula para vulva”.

⁵⁷ “Decantado: notável, famoso.”

⁵⁸ “Dar couces”, no português antigo, equivalia também a pisar com o calcanhar algum objeto no chão.

⁵⁹ “Arrufar: ficar irritado, com raiva, magoado.”

⁶⁰ As opiniões “etnológicas” do jesuíta Manuel da Silva além de refletirem a ideologia dominante sobre a hierarquização das raças, tem como escopo, neste caso particular, diminuir junto aos Inquisidores de Lisboa a culpabilidade da confessante, Custódia, índia gueguê. A valorização dos mulatos, como os mais “ladinos” da Colônia, coincide com a opinião de outro jesuíta, reitor do Colégio da Bahia, que dizia ser o Brasil o inferno dos negros, o purgatório dos brancos e o paraíso dos mulatos. Antonil: *Cultura e Opulência do Brasil*, 1707, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1982.

⁶¹ “Camarada”, antigamente, podia significar “pessoa que convive com outra, companheiro, amigo fraternal, condiscípulo, colega, pessoa amancebada, amásio.” Pelas intimidades homoeróticas estabelecidas entre a mestra Josefa Linda e sua discípula Custódia, não seria exagerado atribuir ao termo “camarada” a conotação mais íntima, pois viviam como se fossem amancebadas: dormiam ambas na mesma cama, compartilhavam alimentos e mantinham relações lésbicas.

⁶² “Figa: do latim, vulva. Amuleto em forma de mão fechada, com o polegar entre o indicador e o dedo médio, usado como preservativo de malefícios, doenças, etc. Sinal que se faz com a mão, pondo os dedos como na figa, para esconjurar ou repelir; esconjuro.”

⁶³ A utilização de restos mortais – ossos, dedos e cordão umbilical de recém nascidos, terra de túmulos, etc, fazia parte integrante de muitos rituais cabalísticos medievais, e que foram incorporados pelos afro-luso-brasileiros em suas feitiçarias. Na Europa, nas “missas negras” realizadas durante os sabás, acusavam-se às feiticeiras de sacrificar crianças. Mott, Luiz. “Dedo de Anjo, Osso de Defunto: Os restos mortais na feitiçaria afro-luso-brasileira”, *D. O. Leitura* (SP), n°8 (90), novembro 1989, p.1-3.

⁶⁴ Os Inquisidores sempre se preocuparam em avaliar a expansão da erronia provocada pelos hereges e feiticeiros, daí o missionário jesuíta, sempre intencionado em relativizar a culpabilidade das confessantes, ter assinalado que a índia Custódia não transmitira a ninguém tais diabruras.

⁶⁵ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor n.121, Livro 313, Confissão de Maria Leonor, 15 anos, moça branca, residente na Fazenda das Cajazeiras, Paranaguá, 1758.

⁶⁶ Mott, Luiz. “O Calundu Angola de Luzia Pinta, Sabará 1739”, *Revista do Instituto de Artes e Cultura*, Universidade Federal de Ouro Preto, dezembro 1994, n. 1, p.73-82.

Resumo

Este artigo dedica-se à análise de um sabá – uma das manifestações religiosas heterodoxas mais controvertidas do Velho Mundo – ocorrido no século XVIII, no Piauí, que foi extremamente bem documentado e enviado para a Inquisição de Lisboa. Durante as inquirições, as investigadas fizeram uma minuciosa descrição das relações que mantiveram com o diabo, das práticas sexuais que realizaram e dos locais onde se passaram os episódios descritos. Essa documentação indica que, ao contrário do que os estudiosos da religiosidade popular brasileira costumam afirmar, a crença nos congressos de feitiçeras e demônios migrou para a América Portuguesa.

Abstract

This article is dedicated to analyzing a Sabbath - one of the most controversial heterodox religious expressions in Europe - which took place in the 18th Century, in Piauí, and was very well documented and sent to the Lisbon Inquisition. During the inquiries, those women being investigated described, in detail, all of the relationships kept with the devil, their sexual practices, and the places where these occurred. The documents also indicate that, different from what Brazilian popular religion scholars state, the belief in witch gatherings and demons migrated to the Portuguese America.